

## NOTAS PARA PENSAR A MODA E SUAS INTERCESSÕES CONTEMPORÂNEAS, A PARTIR DO DESFILE DE ISAAC SILVA BANHO DE AXÉ

Laia, Cristiane Maria Medeiros; Doutoranda; Universidade Federal de Juiz de Fora;  
crismlaia@yahoo.com.br<sup>1</sup>

Sequeira, Rosane Preciosa Sequeira; Doutora; Universidade Federal de Juiz de Fora;  
rosane\_preciosa@yahoo.com.br<sup>2</sup>

### RESUMO

Sonoramente ambientando pela canção “Banho de Folhas”, de Luedji Luna, a grife Isaac Silva apresenta sua coleção Banho de Axé na São Paulo Fashion Week 2023, na Ocupação 9 de julho, um prédio, anteriormente do INSS, ocupado, em 2016 pelo Movimento Sem Teto do Centro – MTSC, liderado por Carmem Silva Ferreira.

O desfile contou com uma trupe composta não só por modelos, artesões, organizadores e moradores da ocupação, e aqui destacaríamos a participação de Carmem Silva Ferreira, fundadora do movimento sem teto, hoje ocupando um cargo no Ministério do governo Lula, bem como sua filha Preta Ferreira, além de famosos como Manoela Soares, Fred Nicácio, Jojo Todynho, e a própria Luedji Luna, em uma passarela coberta por folhas de arruda.


Criado por uma grife “que desafia o preconceito racial através de criações repletas de referências afro-brasileiras e indígenas”<sup>3</sup>, o desfile suscita em nós alguns apontamentos para pensar a moda e suas intercessões contemporâneas, a partir dos corpos, existências e modos de vida que são, então, levados para a passarela.

---

<sup>1</sup> Licenciada e Bacharela em Educação Artística, pela UFJF; Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, pela UERJ. Doutoranda em Moda e Arte, no PPGACL da UFJF. Professora de Artes. Costureira. Criadora da ‘Cris Maria Atelier de Criação’. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais pela UFRJ; Mestra em Teoria da Literatura pela UFRJ; Doutora em Psicologia pela PUC SP. Professora Associada do Instituto de Artes e Design da UFJF.

<sup>3</sup> <https://www.isaacsilva.com.br/historia>



Buscando esboçar algumas ideias, diríamos que uma primeira observação se refere à própria ocupação, por Isaac Silva, da Ocupação, um território que se constituiu como lugar de resistência à exclusão social e racial que dominam o país. A segunda, diz respeito à astúcia do estilista em fazer da Ocupação um terreiro para “firmar seu ponto” de descarrego de um projeto de dominação de corpos afrodescendentes e indígenas.

Conforme nos adverte Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2019), em seu livro *Flecha no Tempo*, o colonialismo ataca primordialmente os corpos, quer domesticando-os quer encarcerando-os, reduzindo-os a coisas, sem direito à humanidade alguma. Isaac Silva, com seu *Banho de Axé*, instaura no desfile um ritual de cuidado e proteção contra a brutalidade colonial, que persiste em nossos dias. São exatamente esses corpos, nadificados por um discurso opressor, disputando, no dia-a-dia seu legítimo espaço político, social, ético e estético, numa sociedade predominantemente escravocrata, que o estilista convoca na passarela. Por alguns momentos, assistimos a um pequeno, mas uma contundente espécie de levante.

Achille Mbembe (2018) e a divisão colonial de lugares no mundo, Sueli Carneiro (2005) e o conceito de epistemicídio, o perigo da história única em Chimamanda Ngozi Adichie (2014), Simas e Rufino (2019), com seu descarrego colonial, nos guiam nesse início de caminho.

**Palavras-chave:** SPFW; Racismo; Moda.

